



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

JOSIANE ROSA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM
*O CORCUNDA DE NOTRE DAME E A PATA DA GAZELA***

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

JOSIANE ROSA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM
*O CORCUNDA DE NOTRE DAME E A PATA DA GAZELA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Soares

CAMPINA GRANDE-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Josiane Rosa da
A representação de pessoas com deficiência em O corcunda de Notre Dame e a Pata da Gazela [manuscrito] / Josiane Rosa da Silva. - 2014.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva,
Departamento de Letras".

1. Análise Literária 2. Sociedade 3. Pessoas Portadoras de
Deficiência 4. Exclusão Social 5. Literatura I. Título.

21. ed. CDD 801.95

JOSIANE ROSA DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DOS DEFICIENTES EM *NOTRE DAME
DE PARIS* E EM *A PATA DA GAZELA*

Aprovada em: 30.07.14

 _____ Prof. Dr. Ricardo Soares / UEPB Orientador	9,0
 _____ Prof.ª Dra. Rosângela Queiroz / UEPB Examinadora	9,0
 _____ Prof. Dr. Eduardo Gomes Oreste / UEPB Examinador	9,0

Média: 9,0

A REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM *O CORCUNDA DE NOTRE DAME E A PATA DA GAZELA*

SILVA, Josiane Rosa da.
josianerosa2008@hotmail.com

RESUMO

Este estudo da literatura como espaço de denúncia da exclusão tem como objetivo analisar a representação de pessoas com deficiência nas obras “*O corcunda de Notre Dame*”, de Victor Hugo, e “*A pata da gazela*”, de José de Alencar. A pesquisa é construída com base em quatro pilares: sociedade, história, literatura e deficiência. A síntese da história dos “deformados” para a humanidade, a análise de trechos das duas obras, e o registro das diferenças e semelhanças entre elas. Foram utilizadas para fundamentação teórica, a contribuição de Pinheiro (2011), Guimarães (2003), Silva (1987) e Figueira (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade. História. Literatura. Deficiência.

INTRODUÇÃO

A história dos “deformados” foi marcada pela luta por cidadania e sobrevivência com a tentativa constante de superação da invisibilidade. Seu percurso histórico não é linear, pois as deficiências física, sensorial ou cognitiva foram enxergadas pela sociedade de forma diferente, variando de um país para outro num mesmo período.

Segundo Silva (1987, p. 21) “anomalias físicas ou mentais, deformações congênitas, amputações traumáticas, doenças graves e de consequências incapacitantes, sejam elas de natureza transitória ou permanente, são tão antigas quanto a própria humanidade”. A afirmação nos mostra que durante toda a história da humanidade sempre existiu pessoas com algum tipo de deficiência; deficiências de nascimento ou que adquiriram durante a vida. Por muito tempo, as pessoas com deficiência foram discriminadas e escondidas, mas elas conseguiram sobreviver ao preconceito existente em diversas sociedades e culturas.

Na História Antiga e Medieval, os indivíduos com deficiência receberam dois tipos de tratamento, de um lado a rejeição e a morte; do outro, a proteção e a piedade. Na Roma Antiga, os nobres e os plebeus podiam sacrificar os filhos que nascessem com algum tipo de deficiência. Em Esparta, as pessoas e até mesmo os bebês que adquirissem algum tipo

de deficiência eram lançados ao mar ou em precipícios. Em Atenas, as pessoas com deficiência eram bem aceitas, sendo protegidas. Isso acontecia por causa da premissa jurídica de Aristóteles que atestava que: “tratar os desiguais de maneira igual constitui-se em injustiça”.

Com o surgimento da escrita no Egito Antigo, depois de 2.500 a.C., já era registrada a existência de pessoas com algum tipo de deficiência, assim como sua sobrevivência. É presente em algumas descrições feitas pelos egípcios o registro de pessoas ditas “incapacitadas”, como também alguns tratamentos que auxiliaram na continuidade da sobrevivência dos mesmos. Enquanto a sociedade egípcia tentava tanto “curar” essas pessoas quanto usá-las em atividades específicas, como no trabalho com a agricultura e com a pecuária. Na Grécia Antiga, uma sociedade militarista, existia uma divergência de pensamentos: enquanto essa sociedade lidava frequentemente com acidentes em campos de batalha, ficando seus soldados com algum tipo de amputação, e formando assim uma sociedade que tinha essa característica como aceitável; ali também havia o costume de se jogar em um precipício as crianças que nascessem com alguma deficiência. Atitude que mostra claramente a cultura da época, uma atitude não tolerada nos dias de hoje, porém concebida como “natural” para aquela comunidade (no ano de 400 a.C.). É necessário fazer a ressalva que essa atitude acontecia na sociedade que faz da guerra uma cultura. Porém em sociedades voltadas para o cultivo de lavouras e criação de gado, também era possível encarar a sobrevivência de crianças concebidas como “defeituosas”.

Na Roma Antiga também não era permitida a sobrevivência de crianças nascidas antes do tempo ou com deficiência, porém não era necessária a execução (embora isso ocorresse). Havia a possibilidade das famílias nobres romanas de deixar as crianças à margem dos locais sagrados ou rios, podendo ser encontrados e criados por pessoas pobres ou escravas.

Cegos, surdos, deficientes mentais, deficientes físicos e outros tipos de pessoas nascidos com má formação eram também, de quando em quando, ligados a casas comerciais, tavernas e bordeis; bem como a atividades dos circos romanos, para serviços simples e às vezes humilhantes (SILVA, 1987, p.130).

Este fato foi constante na vida das pessoas com deficiência, ocorrendo várias vezes na história da humanidade e não apenas em Roma.

Enquanto a sociedade romana, especialmente a nobreza, não se preocupava com as doenças existentes entre os pobres e miseráveis, os seguidores da doutrina cristã pregava a caridade, o amor ao próximo, a humildade, o perdão e a valorização da vida. A partir do

século IV, essas pessoas passaram a ter atendimento em hospitais e, no século seguinte, o Concílio da Calcedônia (em 451) determinou a responsabilidade de prestar assistência aos pobres e enfermos das suas comunidades para bispos e outros párocos. Criou-se a partir deste momento instituições de caridade e auxílio em diversas regiões. Porém ao mesmo tempo em que a Igreja Católica auxiliava e cuidava das pessoas com deficiência, também proibia que as mesmas pudessem ser padres:

Nos chamados Cânones Apostolorum, cuja antiguidade exata todos desconhecem e que, no entanto, foram elaborados no correr dos três primeiros séculos da Era Cristã, existem restrições claras ao sacerdócio para aqueles candidatos que tinham certas mutilações ou deformidades (SILVA, 1987, p. 166).

Esta foi uma orientação seguida e reafirmada por muito tempo, todavia é notória a mudança de olhar dirigida a essas pessoas, tanto as pessoas com deficiência quanto à população mais humilde, graças também ao trabalho dos bispos e freiras nos mosteiros e ao crescimento dos hospitais e centros de atendimento.

No entanto, esta visão mais humanizada da Igreja Católica muda no período entre os séculos V e XV, conhecido como Idade Média. Os locais de atendimento destas pessoas continuam a existir, agora muitas vezes mantidas pelos senhores feudais, agora, porém, com o surgimento de concepções místicas, mágicas e misteriosas em relação a tais pessoas que passaram a ter suas deficiências vinculadas à ira de Deus. A Igreja Católica, que antes tratava, agora perseguia e discriminava, trocando a caridade pela rejeição, pois ser uma pessoa com deficiência era o mesmo que receber um “castigo de Deus”. A atitude discriminatória não se restringia apenas as pessoas com deficiência, mas também as que tinham crenças diferentes.

No Renascimento (séculos XV a XVII) esta situação não mudou totalmente, mas neste período a humanidade está mais esclarecida em relação ao “diferente”, aos “direitos universais” e ao “avanço da ciência”. Atitudes que alterariam “a vida do homem menos privilegiado também, ou seja, a imensa legião de pobres, dos enfermos, enfim, dos marginalizado. E dentre eles, sempre e sem sombra de dúvidas, os portadores de problemas físicos, sensoriais ou mentais” (SILVA, 1987, p. 226) Supera-se, enfim, credices típicas da Idade Média e a deficiência não é mais um “castigo divino”, porque as pessoas com deficiência passam a precisar de uma atenção própria, começando, no século XVI, com o atendimento das pessoas com deficiência auditiva, que antes eram vistas como possuídas por maus espíritos e sem possibilidade de obter educação

Durante este período, entre os séculos XV e XVII, as pessoas com deficiência começaram a ser valorizadas como seres humanos, ainda que de forma tímida. Nesse período,

são comuns práticas discriminatórias, assim como as práticas excludentes, sobretudo da Igreja Católica.

Portanto, a questão da pessoa com deficiência na história da humanidade vai da execução sumária ao tratamento humanitário, entre séculos de história, uma trajetória irregular e heterogênea entre os países e entre as pessoas com deficiência. É óbvio que nos dias atuais ainda existe a discriminação e os maus-tratos, mas a sociedade já se “humanizou” um pouco mais.

A história da pessoa com deficiência no Brasil não é muito diferente da à história da humanidade em geral. A história brasileira registra em seus arquivos referências variadas às pessoas com deficiência. Denominações como “aleijados”, “mancos”, “surdos-mudos”, “cegos”, “enfeitados” são noções que estão quase sempre ligadas às pessoas pobres, que possuem uma condição financeira miserável.

A história do Brasil é marcada por fatores construídos culturalmente, aos quais os movimentos que defendem as pessoas com deficiência combatem há décadas. Não é muito diferente do que acontecia em outros povos da História Antiga e Medieval. As crenças e superstições associadas às pessoas com deficiência continuaram a se reproduzir ao longo da história brasileira. Era comum relacionar o nascimento de crianças com deficiência à punição ou castigo divino.

Os Negros Escravos muitas vezes adquiriam deficiências físicas ou sensoriais por causa dos castigos que recebiam e não por ser um castigo divino ou um mal sobrenatural. Até mesmo a forma como esses negros eram trazidos para o Brasil propiciava a disseminação de doenças incapacitantes. Eles vinham em embarcações superlotadas e em condições desumanas, que tanto provocavam a morte quanto causavam doenças que, por muitas vezes, deixavam sequelas. Era cruel a forma como os escravos eram tratados. Crueldade e violência eram características sempre presentes nos castigos físicos, tanto nos engenhos de açúcar quanto nas fazendas de café. Na época da escravidão, era permitida como forma de castigo a amputação de membros do corpo dos escravos. A consequência dos castigos foi o aumentando da quantidade de escravos com deficiência que só não foi maior porque representava um prejuízo financeiro para o proprietário.

Quando colonos portugueses chegaram ao Brasil, depararam-se com condições climáticas diferentes das que estavam acostumados. O forte calor e a grande quantidade de insetos, características tropicais, prejudicaram a saúde dos colonizadores europeus, “algumas dessas enfermidades de natureza muito grave chegaram a levá-los à aquisição de severas limitações físicas e sensoriais” (FIGUEIRA, 2008, p. 55). O Brasil, neste momento, começou

a formar uma população de “deformados”; “tal e qual como entre os demais povos, e no mesmo grau de incidência, o brasileiro exibiu casos de deformidades congênitas ou adquiridas. Foram comuns os coxos, cegos, zambros e corcundas” (SANTOS FILHO *apud* FIGUEIRA, 2008, p. 56).

Atualmente, a sociedade tanto brasileira quanto de outros países conscientizaram-se de que as pessoas com deficiência podem ocupar todos os espaços da sociedade. Não tendo necessariamente que estar preso nos ambientes familiares ou das instituições especializadas. Essa mudança ocorreu na nossa sociedade no ano de 1981, quando a ONU declara o ano Internacional da Pessoa com Deficiência (APD).

Se até aqui a pessoa com deficiência caminhou em silêncio, excluída ou segregada em entidades, a partir de 1981 – Ano Internacional da Pessoa com Deficiência -, tomando consciência de si, passou a se organizar politicamente, e, como consequência, a ser notada na sociedade, atingindo significativas conquistas em pouco mais de 25 anos de militância (FIGUEIRA, 2008, p.115).

A história foi marcada por diversas vitórias individuais. Porém neste marco, a sociedade olhou com novos olhos para estas pessoas, deixaram de ser tratadas como “deformados” e foram acolhidos em uma sociedade mais humana,

boa ou má, a situação das pessoas com deficiência começou a ser divulgada a partir de 1981. Inclusive, elas mesmas começaram a tomar consciência, começaram a tomar consciência de si como cidadãs, passando a se organizar em grupos ou associações (FIGUEIRA, 2008, p. 119).

Portanto, mesmo marcados por grandes dificuldades, preconceitos, humilhações e exclusões, as pessoas com deficiência conseguiram se constituir enquanto cidadãos que têm os mesmos direitos e deveres de qualquer outra pessoa. Elas sobreviveram a todas as práticas de eliminação e exclusão.

Conhecendo a história dos “deformados”, entendendo a literatura como um possível espaço de registro do mundo em sociedade e compreendendo que “o texto não é algo isolado do mundo. Sua significação mobiliza ideias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto” (PINHEIRO, 2011, p.80) é possível analisar como a literatura expõe, registra e denuncia as práticas de exclusão social.

Sabendo também que a construção de uma personagem não é aleatória, é que temos como objetivo desta pesquisa analisar a representação das pessoas com deficiência nas obras *O corcunda de Notre Dame* (1831), de Victor Hugo, e *A pata da gazela* (1870), de José de Alencar.

O embasamento teórico utilizado para esta pesquisa conta com nomes como o de Hélder Pinheiro (2011), que é utilizado para mostrar como é possível fazer pesquisa em literatura e como a mesma é um amplo espaço de possibilidades para investigação e para compreender a questão da deficiência representada na literatura são estudados autores como Guimarães (2003), Silva (1987) e Figueira (2008).

1 A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM *O CORCUNDA DE NOTRE DAME*

A obra *O corcunda de Notre Dame* foi publicada em 1831, com o nome *Notre-Dame de Paris* e em 1832 foi publicada a edição “definitiva” por inserir os três capítulos escritos entre 1830 e 1831, que não constavam na primeira edição. O enredo é ambientado em uma Paris medieval e apresenta personagens com características humanas reais, principalmente em relação à deficiência, haja vista que o personagem principal de sua obra traz deficiências múltiplas, em caráter acentuado.

Escrita por Victor Hugo, a obra narra a história de vários amores impossíveis, entre eles a de seu personagem principal, Quasímodo, um corcunda deformado que se apaixona por uma linda cigana desejada, por seu pai adotivo, o arqui-diácono Claude Frollo, e pelo oficial Phoebus de Châteaupers. Como poderia ele, uma criatura tão feia, rude e infeliz, competir com um homem de Deus ou com um homem do poder?

O autor constrói um cenário cheio de conflitos para eternizar amores inviáveis. A Paris que serve de espaço para esses amores ora acolhe seus personagens como mãe protetora, ora os rejeita, jogando-os às suas ruas frias e repletas de miseráveis

1.1 A personagem “deformada”

Na obra *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Marie Hugo, a personagem principal é um homem ingênuo, carinhoso, apaixonado e solitário, com uma deficiência que o deixa disforme e grotesco. Seu nome é Quasímodo e ele vive na cidade de Paris, no século XV.

A história se inicia no dia 6 de janeiro de 1482, na Festa dos Loucos e Dia dos Reis. A festa consistia na escolha do “papa do povo”; ganhava o título quem fizesse a careta mais feia.

Quasímodo, levado a concorrer a “papa do povo”, tem suas “deformidades” aplaudidas com entusiasmo, acreditando a população ali presente que se tratava de uma pessoa fantasiada. É neste momento de glória que o narrador constrói em nossas mentes a fisionomia do pobre corcunda.

Não tentaremos dar ao leitor uma idéia daquele nariz tetraedro, daquela boca de ferradura de cavalo, daquele minúsculo olho esquerdo obstruído por um tufo arrepiado de sobrancelhas ruiva, ao passo que o olho direito desaparecia oculto por uma enorme verruga, daqueles dentes tortos, desfalcados como seteiras de fortaleza, daquele lábio caloso sobre o qual um dos dentes avançava como a presa de um elefante, daquela fenda no queixo, nem a fisionomia espreiada sobre aquilo tudo, daquele misto de malícia, de estupor e de tristeza. Imaginem, se possível, uma mistura desse gênero (HUGO, 2012, p. 55).

Com essa descrição, é possível notar as deformidades existentes na aparência do Corcunda de Notre Dame. E como essa aparência ainda era mais prejudicada pela tristeza existente em sua alma, tristeza que tinha como causa a perseguição por ele sofrida. Neste concurso, aplaudiam-no por suas deformidades, mas na vida cotidiana, perseguiam-no pelo mesmo motivo. Quasímodo foi o ganhador do título, porém o povo percebeu que se tratava do tocador de sinos e que ele não usava máscaras. A feiúra assustadora de Quasímodo gerava nas pessoas uma atitude preconceituosa.

- É Quasímodo, o sineiro! É Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame! Quasímodo, o zarolho! Quasímodo, o coxo! Viva! Viva!
 Como se vê, o pobre-diabo tinha apelidos à sua escolha.
 - Cuidado, mulheres grávidas! – gritavam os estudantes.
 - Ou as que querem engravidar – retomava Joannes.
 As mulheres de fato, escondiam o rosto: - Oh, que macaco horrendo – dizia uma. – é o demônio – juntava outra. [...] – Oh! Que cara terrível tem o corcunda! – Oh! Que alma horrenda - Ai! (HUGO, 2012, p.56)

A deficiência do Quasímodo era considerada com características de animal, alguém malvado, semelhante ao diabo e praticante de feitiçaria. Como nos dias atuais, as deficiências eram apelidadas das mais diferentes maneiras. Sempre com tons pejorativos, ser uma pessoa com deficiência é não poder ser visto, como se ao olhar para o feio algo de ruim pudesse acontecer, como ter filhos com as mesmas características etc. Ao fim da Idade Média, a aparência física é suficiente para caracterizar uma pessoa como “boa” ou “má”. A alma, mesmo não podendo ser vista, é concebida como horrenda, assemelhando-se ao corpo. Na própria sequência de falas, podemos notar que os discursos são pronunciados por anônimos, que expressam concepções genéricas da sociedade medieval.

O sentimento de rejeição sentido por Quasímodo era tanto que mesmo com todas as ofensas que lhe eram direcionadas, ele continuava orgulhoso por ter sido escolhido “papa do povo”. Toda a alegria que estava sentindo fazia com que em sua volta existisse um brilho único, uma aceitação até, então, nunca sentida.

Era o primeiro gozo de amor-próprio que ele jamais experimentara. Até agora, ele só sentira o desdém por sua condição, o nojo com relação à sua pessoa. Assim, mesmo sendo surdo, ele saboreava como verdadeiro papa as aclamações dessa multidão que ele odiava por sentir-se odiado. Que seu povo fosse um amontoado de loucos, de excluídos, de ladrões, de mendigos, pouco importava, continuava sendo um povo e ele um soberano. E ele levava a sério todos esses aplausos irônicos, essas ridículas marcas de respeito, aos quais a multidão misturava um pouco de temor real. Pois o corcunda era robusto, o manco era ágil, o surdo era ruim; três qualidades que temperam o ridículo. (HUGO, 2012, p. 77)

A multidão que coroava Quasímodo como “papa do povo” sentia por ele o mesmo desprezo e medo que as pessoas que, há dezesseis anos, tinham notado sua presença na cama de madeira em frente à Igreja de Notre Dame, a “criatura viva” como chamavam os que o observavam. Este fato ocorreu no domingo da festa de Quasímodo, no ano do Senhor de 1467. Por esse motivo lhe foi dado este nome.

Quando tratamos a literatura como um espaço de denúncia da exclusão, observamos que, por muitas vezes, ela expõe aquilo que acontece na sociedade. A prática de deixar crianças em portas de igreja e em outros lugares similares é muito antiga, mas acontece até os dias de hoje, principalmente quando estas crianças são portadoras de algum tipo de doença. No caso do nosso personagem, aqui observado, o seu abandono ocorreu por causa de sua aparência “defeituosa”. E por ter esta aparência foi visto como demônio, que também é outro pensamento corrente de associação preconceituosa típica da Idade Média, mas que infelizmente ainda está presente no pensamento de alguns contemporâneos; a ideia de que a deficiência é castigo de Deus ou até mesmo que todos são feitos à imagem de Deus. Logo, se esta imagem não é a “normal” é porque é obra do demônio ou o próprio atuando na ausência de explicações coerentes para fatos considerados contra a natureza humana:

- Não entendo muito de crianças – retomou Agnés -, mas deve ser um pecado olhar para esta aqui.
- Não é uma criança, Agnés. É um macaco que não deu certo – observou Gauchère.
- [...]
- É um verdadeiro monstro de abominação esse pretense enfeitado, retomou Jeanne.
- [...]
- Eu acho – disse Agnés La Herme – que é uma besta, o produto de um judeu com uma porca; enfim, algo que é preciso jogar na água ou fogo. (HUGO, 2012, p. 134)

Outra prática frequente ao se falar no abandono de crianças com deficiências é a prática de serem jogadas em rios ou de serem queimadas, como também, não menos frequente, serem jogadas em precipícios. A imaginação humana também é muito fantasiosa quando se trata do diferente e isso não deixou de ser mostrado por Victor Hugo, ao escrever sua obra.

- Não é uma verruga – retomou Mistricolle. – É um ovo que encerra outro demônio igual; esse tem outro ovo que contem outro diabo, e assim por diante. (HUGO, 2012, p. 135)

O medo do ser humano em relação ao desconhecido o torna tão cruel ao ponto de perder a misericórdia. Desejar o mal ao próximo pelo simples fato de não poder entender ou conviver com o diferente é um fato na história do Ocidente. No nosso século esse diferente está sendo um pouco mais aceito, isto não quer dizer que o preconceito foi superado, mas há outras formas de entendimento para sua inserção na sociedade. Porém, para Quasímodo, a sociedade da época não tinha compreensão sobre a pessoa com deficiência. Por isso, associava-o a uma obra do demônio, cujo destino deveria ser o mais horrível possível.

- Seria melhor que esse pequeno feiticeiro estivesse deitado num monte de galhos do que numa prancha – gritou Jeanne de La Tarme.
 -Um belo monte de galhos flamejante! – acrescentou a velha.
 [...]
 -Eu adoto esta criança – disse o padre.
 [...]
 - Eu disse a você, minha irmã, esse sacerdote Claude Frollo é feiticeiro. (HUGO, 2012, p. 136)

Esse trecho caracteriza as atitudes da época, a visão que as pessoas tinham em relação à deficiência. O pensamento de colocá-lo em um monte de chamas, por ser diferente, evidencia práticas comuns à época. E a referência a “um belo monte de galhos flamejante” mostra a crueldade e a falta de amor ao próximo. Não seria o suficiente só queimar, ele deveria ser queimado com grande estilo. Mesmo ainda sendo um bebê, ele era visto como um feiticeiro por causa da sua aparência. Naquela época, também se tinha a prática de fazer uma espécie de depósito no céu, que era a realização de boas ações para amenizar os pecados, o exemplo disto é a adoção de Quasímodo pelo clérigo.

A compaixão de Claude aumentou diante daquela feiúra e ele fez um voto de coração de criar a criança pelo amor a seu irmão, de modo que, quaisquer que fossem no futuro as faltas do pequeno Jean, ele deveria ter a seu favor essa caridade feita em sua intenção. (HUGO, 2012, p. 142)

A adoção de Quasímodo deu-se pela intenção do arqui-diácono de garantir a remissão dos pecados de seu irmão. Outra prática comum na Idade Média, que era a “compra da salvação”. Ele também tinha compaixão por Quasímodo, mas sua deficiência o impedia de viver em sociedade. Excluído, preso ao seu espaço de isolamento, não tinha contato com pessoas, com exceção do arqui-diácono Claude Frollo, que começou a ser apontado como demoníaco, por causa de sua ligação com Quasímodo.

Quasímodo aparecia como o demônio, Claude Frollo como o feiticeiro. Era evidente que o sineiro devia servir o arqui-diácono por um determinado tempo, após o qual ele levaria embora sua alma como forma de pagamento. (HUGO, 2012, p. 159)

Por ser feio o sineiro era discriminado, obrigado a se afastar da vida em sociedade, tornando-se um homem anti-social o que também, o estigmatizava como malvado, pois não tinha sentimentos por ninguém, a não ser por seu pai adotivo e, posteriormente, pela linda cigana Esmeralda. A compreensão da deficiência como algo demoníaco fazia com que as pessoas que convivessem com ela fossem consideradas feiticeiras, e suas almas eram vendidas ao diabo.

Por muitas vezes também, é constatável uma dicotomia em relação às pessoas com deficiência: uma pessoa pode ser discriminada por sua aparência, mas se ela pode ser escondida, nada impedirá que a vida desse indivíduo transcorra “normalmente” ou “quase normalmente”. O problema não é bem a deficiência, mas o “mal-estar” ocasionado por ela. No caso de Quasímodo, o que incomodava às pessoas era sua aparência, enquanto que, em outra passagem da narrativa, outra pessoa com deficiência aparece; o ouvidor que foi responsável pelo julgamento de Quasímodo que era surdo. Porém, esse conseguia dissimular sua deficiência lendo, com antecipação ao julgamento, a pasta do processo.

“O ouvidor era surdo. Defeito sem importância para um ouvidor” (HUGO, 2012, p. 185). Ironicamente para um ouvidor, o problema não era só ser deficiente, mas o quanto essa deficiência afetava a aparência e, também, o quanto o deficiente ostentava em riqueza e poder. Mesmo que fosse visível a deficiência do ouvidor, ele não sofreria a mesma discriminação que o sineiro. Para ele, era melhor ser um “juiz com fama de imbecil que de surdo” (HUGO, 2012, p. 186). Ele tinha grande cuidado em dissimular sua surdez diante de todos, tanto que chegava a se enganar sobre o assunto, porém isto não foi possível no julgamento do sineiro, pois este também era surdo e não ouvia as suas perguntas.

-Seu nome?

Ora, aqui está um caso que não foi “previsto pela lei”: um surdo interrogando outro surdo.

Quasímodo, que nada entendera da pergunta a ele dirigida, continuou a olhar o juiz fixamente e sem responder. O juiz, surdo que nada sabia da surdez do acusado, achou que ele tinha respondido, como costumavam fazer os acusados, e prosseguiu com sua altivez mecânica e estúpida.

-Está bem. Sua idade?

Quasímodo também não respondeu a essa pergunta. O juiz acreditou que ela tivesse sido satisfeita, e continuou.

-Agora: estado civil?

O mesmo silêncio. Mas o auditório começava a cochichar e a se entreolhar. (HUGO, 2012, p.187)

A preocupação com a opinião das pessoas é o que deixa muitas vezes, as pessoas com deficiência e as pessoas que convivem com eles mais enclausurados. Os xingamentos, os palavrões, as humilhações públicas tiram a pessoa com deficiência do convívio social e fazem com que seus cuidadores, na maioria das vezes os familiares, sintam-se envergonhados com a exposição. Quando o Corcunda de Notre Dame estava sendo torturado em praça pública e novamente humilhado, até mesmo seu pai adotivo lhe abandonou: “o padre baixou os olhos e deu meia-volta, como se tivesse pressa em desembaraçar-se de reclamações humilhantes e muito pouca vontade de ser saudado e reconhecido por um pobre-diabo em tal situação” (HUGO, 2012, p. 219).

A obra de Victor Hugo constrói um ambiente verossímil ao período histórico representado, o século XV parisiense. Quando o Corcunda salva Esmeralda do enforcamento, o narrador apresenta fatos históricos interessantíssimos sobre os costumes da época:

Na Idade Média, toda cidade da França – aliás, até Luís XII – possuía seus locais de abrigo. Esses locais, no meio do dilúvio das leis penais e das jurisdições bárbaras que inundavam a cidade, eram como ilhas que se elevavam acima da justiça humana. Todo criminoso que chegava estava salvo. [...] Por vezes cidades inteiras, que precisavam ser povoadas de novo, viravam local de refúgio temporariamente. Luís XI fez de Paris um abrigo, em 1467. (HUGO, 2012, p. 344)

É esta relação entre literatura e sociedade que deixa o leitor com vontade de viajar nas páginas do livro, principalmente quando se trata do gênero romance. Conhecer outros tempos, outros lugares, outros costumes. Sabendo, é claro, que literatura não é transcrição da realidade, mas a verossimilhança que conduz o leitor a uma leitura oblíqua do real, capaz de incidir criticamente sobre a conjuntura histórica problematizada pela narrativa.

1.2 O amor idealizado

Retornando à descrição da vida triste e melancólica do personagem “deformado” é notória sua condição de pobre-diabo. Todas as humilhações sofridas por ele já se

internalizaram de uma forma que ele mesmo já sente pena de si e aceita subserviente a condição de “monstro”. Em conversa com a cigana, ele diz “- Eu a assusto. Sou bem feio, não é? Não olhe para mim. Ouça somente.” Ao pronunciar estas palavras, o Quasímodo mostra mais uma vez sua tristeza. E mesmo sendo por ele salva do enforcamento, ela não consegue olhá-lo sem se assustar e, percebendo isto, ele se entristece e procura afastar-se dela da mesma forma que se afastou do mundo exterior às paredes da catedral.

- Nunca havia visto minha feiúra como agora. Quando me comparo a você, tenho pena de mim, monstro que sou! Devo parecer-lhe uma fera. Você é um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de pássaro! Sou algo terrível, nem homem, nem animal, mais duro, pisado e disforme que uma pedra. (HUGO, 2012, p. 349)

A submissão do Quasímodo à beleza da cigana é uma prova inquestionável de sua capacidade de amar, de ter sentimentos e de querer proteger aquela bela mulher. O amor do “monstro” pela bela é verdadeiro e ingênuo, mesmo não sendo correspondido, a sua vontade de protegê-la não é abalada. Mesmo sendo considerado um demônio, seu amor por Esmeralda é puro e diferente do sentimento de Phoebus ou de Claude Frollo. A verdadeira beleza não está no exterior ou na aparência e, sim, no interior, onde deficiência nenhuma pode deformar as qualidades e virtudes do sujeito.

Quando Quasímodo compara a cigana com “um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de pássaro!”, ele idealiza a sua amada como tão bela e pura, é a própria natureza.

Quasímodo e Esmeralda têm uma relação que se constrói do nascimento até a morte de ambos. Quando ainda criança, um é trocado pelo outro; quando adultos, Quasímodo dedica seu amor e sua lealdade à cigana e, após a execução dela, ele se abandona junta ao corpo de sua amada, aguardando o dia de sua própria morte. Ambos foram perseguidos por serem diferentes dos demais. Entre eles, há uma cumplicidade conveniente aos diferentes para se protegerem, porém também existe um abismo que tornou impossível a união amorosa entre ambos.

1.3 “Do grotesco e do sublime”

Victor Hugo, em 1827, escreve *Do Grotesco e do Sublime*, texto em que atribui: “aos tempos primitivos o lirismo, aos antigos a epopéia e a modernidade, o drama”. Afirma ele (HUGO, 2004, p.31) sobre a religião:

Põe ao redor da religião mil superstições originais, ao redor da poesia, mil imaginações pitorescas. É ele que semeia, no ar, na água, na terra, no fogo, estas miríades de seres intermediários que encontramos bem vivos as tradições populares da Idade Média; é ele que faz girar na sombra a ronda pavorosa do sabá, ele ainda dá a Satã os cornos, os pés de bode, as asas de morango.

Como podemos observar nesta citação, o imaginário popular atribui indistintamente superstições ao incomum ou ao inusitado. O cristianismo introduziu o pensamento de que na criação nem tudo é humanamente belo, que também existe o feio e o disforme, e que estes aspectos devem manter um convívio com o sublime, entendido como reverso do grotesco.

O grotesco está relacionado às doenças, às deformidades e ao ridículo, como também aos vícios e aos crimes. E o sublime, por sua vez, tem relação com a beleza, os encantos e a pureza.

Na obra *O corcunda de Notre Dame*, Victor Hugo utiliza o grotesco e o sublime como aspectos norteadores:

[...] não é senão a forma considerada na sua mais simples relação, na sua mais absoluta simetria, na sua mais íntima harmonia com nossa organização. Portanto oferece-nos sempre um conjunto completo, mas como nós. O que chamamos de feio, ao contrário, é um pormenor de um grande conjunto que nos escapa, e que se harmoniza, não com o homem, mas com toda a criação. É por isso que ele nos apresenta aspectos novos, mas incompleto (HUGO, 2004, p.36).

O trecho acima explica sumariamente o que seria o belo tratado na obra, Quasímodo é a representação do grotesco, a antítese do belo e do sublime, que é representado por Esmeralda. A deficiência é característica do grotesco, assim como as feiúras, deformações ou deformidades.

2 A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA OBRA *A PATA DA GAZELA*

A obra *A pata da gazela* foi escrita por José de Alencar e publicada em 1870. A obra retrata de forma irônica a sociedade do século XIX. O enredo acontece a partir de um triângulo amoroso e tenta desconstruir o pensamento de que o belo é o que é oportuno de ser amado.

2.1 A apresentação dos personagens: os tipos sociais

O enredo acontece em torno de quatro personagens: Horácio, Leopoldo, Amélia e Laura. Horácio, o jovem sedutor; Leopoldo, o bom moço; Amélia e Laura, as primas unidas por suas deficiências.

Dentro do carro havia duas moças; uma delas, alta e esbelta, tinha uma presença encantadora; a outra, de pequena estatura, muito delicada de talhe, era talvez mais linda que sua companheira.

Estavam ambas elegantemente vestidas e conversavam a respeito das compras que já tinham realizado ou das que ainda pretendiam fazer (ALENCAR, 1998, p. 1).

A descrição feita de Amélia e Laura neste trecho mostra as características físicas das personagens. Como também já identificam à qual posição social elas pertencem, o comentário sobre as compras já feitas e as que ainda precisam ser, dentro do carro, é característico de jovens de família rica, que costumam passar seu tempo ocioso gastando o dinheiro da família, pois gozam de uma situação financeira favorável. Atentemos para a descrição a seguir:

Simples no traje e pouco favorecido a respeito de beleza; os dotes naturais que excitavam nesse moço alguma atenção eram uma fronte meditativa e os grandes olhos pardos, cheios do brilho profundo e fosforescentes [...] ele trajava luto pesado, não somente nas roupas negras, como na cor macilenta das faces nuas, e na mágoa que lhe escurecia a fronte (ALENCAR, 1998, p.2).

A descrição desfavorável de Leopoldo opõe-se à descrição das moças, Aqui, o narrador apresenta um rapaz simples, não muito bonito, provavelmente não pertencente a uma classe social mais abastada. Ele tem como qualidade apenas os grandes olhos pardos cheios de brilho. O narrador descreve também o preto que está presente tanto em suas roupas quanto em sua fisionomia, deixando transparecer ao leitor que se trata de uma pessoa triste. Nada comparado ao poder de sedução de Horácio e sua preocupação com a aparência, podemos conferir no trecho seguinte:

[...] um moço elegante não só no traje do melhor gosto, como na graça de sua pessoa: era sem dúvida um dos príncipes da moda, um dos leões da Rua do Ouvidor; mas desse podemos assegurar pelo seu parecer distinto que não tinha usurpado o título (ALENCAR, 1998, p. 2).

Podemos perceber neste trecho que Horácio era um rapaz muito bonito e elegante. Comparado a um príncipe da moda, vestia-se muito bem e tinha a sua beleza compatível a de um leão. Com uma boa aparência e um enorme poder de sedução, ele conquistava muitas mulheres entre elas, as primas Amélia e Laura.

2.2 Horácio e Leopoldo: dois apaixonados e um encontro com o “monstruoso”

Horácio e Leopoldo formavam um triângulo amoroso com Amélia, ambos eram apaixonados por ela, porém por motivos diferentes. Horácio estava mais interessado na aparência e riqueza, enquanto Leopoldo se interessava por aquilo que Amélia demonstrava ser como ser humano. A oposição entre os dois quereres mostra o quanto o amor pode estar relacionado tanto ao físico quanto ao espiritual.

O sentimento de Horácio por Amélia começou quando ele encontrou uma “botina na rua”. Mesmo sem saber de quem era aquele calçado, ele nutriu o desejo de encontrar a dona do pé que calçaria aquela botina.

Mas seja embora castanha, ou mesmo loura, que é uma cor de cabelo! Que me importa isto? Tenho alguma coisa com seu cabelo? O que amo nela é o pé: este pé silfo, este pé anjo, que me fascina, que me arrebatava, que me enlouquece!... (ALENCAR, 1998, p.5)

O sentimento de Horácio é pelo pé que calça aquela botina, não importa nenhuma outra característica da pessoa a não ser o pé. A partir do calçado encontrado, ele constrói a concepção de que o pé seja perfeito. Quando ele se refere ao pé como “este pé anjo”, ele não concebe apenas o pé como sendo o de um anjo, mas como o próprio anjo, que seria a dona daquela botina. Todo amor de Horácio está dedicado àquele pé, pois que aceitaria até mesmo em se casar com Amélia apenas para poder vê-lo. Diferentemente do amor de Leopoldo, que é dedicado a Amélia, ele a ama com a alma, seu amor é puro e verdadeiro.

Ela é minha luz; não sei a cor e a forma que tem, mas sei que cintila, que me deslumbra; que inunda meu ser de uma aurora celeste. Não poderia descrevê-la, como um poeta... Mas que importa? Pois que eu a sinto em mim; pois que eu a possuo em meu coração? (ALENCAR, 1998, p. 8)

Como podemos perceber, o amor de Leopoldo por Amélia não é algo puramente físico, ele pouco tem de recordações da aparência da moça. Ele guardou em sua memória as sensações daquele momento. Ele se contentava com o simples fato de tê-la em seu coração. Um sentimento muito forte e verdadeiro, porém, que sofre uma desestruturação quando descobre a deficiência da amada:

O pé que seus olhos descobriram, era uma deformidade, um monstro, um aleijão. Ao tamanho descomunal para uma senhora, juntava a deformidade. Pesado, chato, sem arqueação e perfil, parecia mais uma base, uma prancha, um tronco, do que um pé humano e, sobretudo o pé de uma moça. (ALENCAR, 1998, p.14)

Ele ficou impressionado com o pé monstruoso que viu, o que mais enfatizava não era o feio, mas o disforme, o horrível. Aquele pé não era o normal para uma moça, era monstruoso. Como amar algo tão feio e disforme? Questionamentos como este atormentaram-no por muito tempo. Tentativas fracassadas de esquecer aquele amor e de, enfim, se afastar. O esforço para esquecer o “pé aleijão” não foi suficiente:

O aleijão excita geralmente uma invencível repugnância, repassada de terror. A aberração da forma humana abate o orgulho do bípede implume, fazendo-o descer abaixo do orangotango. Ao mesmo tempo, é ameaça viva a uma das mais caras aspirações do homem: a esperança de renascer em outra criatura gerada do seu ser. (ALENCAR, 1998, p.20)

O “aleijão” minimiza o indivíduo ao mais baixo nível da evolução humana. Torna-o repugnante, diz o narrador. Além da preocupação estética também há uma preocupação com a herança genética, com a possibilidade de a deficiência ser passada para os filhos. A ignorância dos Dezenove no Brasil é patente, mas ao tempo é dado o entendimento necessário do que é fundamental: o amor de Leopoldo por Amélia é mais forte do que qualquer “aleijão”.

- Outrora julgava impossível que se amasse o horrível. Agora reconheço que tudo é possível ao amor verdadeiro, ao amor puro e imaterial. Não só reconheço, mas sinto-me capaz de nutrir uma dessas paixões mártires! Oh! Sinto-me capaz de amar o anjo ainda mesmo encarnado em um aleijão!...(ALENCAR, 1998, p.25)

O amor de Leopoldo superou o mal-estar ocasionado pela deficiência de sua amada, tornando-se, assim, possível amar o feio, “o aleijão”. Mesmo não acreditando na possibilidade de amar o “deformado”, ele buscou superar-se diferentemente de Horácio que, ao ver o aleijão de Amélia desistiu de se casar, pois “casar-se um homem com aquele pé, seria predestinar-se para o homicídio”, pensava Horácio.

3 DOIS AUTORES E UMA TEMÁTICA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura mantém uma relação com a sociedade em que a narrativa acontece, porém não pode ser vista como um texto histórico. O que o autor procura construir é um espaço que corresponda historicamente ao que ele pretende retratar em sua narrativa que, por vezes, transfigura a própria realidade. Quando as personagens são construídas, elas precisam

fazer parte de um contexto, e o contexto na obra dialoga com uma conjuntura e estilo de época.

A literatura é uma modalidade da arte verbal, e como obra de arte ela precisa ser sentida. O prazer ocasionado pela leitura de uma obra é tão forte que pode levar o leitor a refletir e se questionar, e ao mundo que o cerca. O ser humano, por muitas vezes, não percebe a sociedade em sua volta, e no contato com a ficção é impulsionado a uma atitude de comparação, que pode proporcionar um entendimento sobre aquilo que antes não era ou compreendido de forma clara ou percebido.

José de Alencar se preocupava com a identidade nacional do Brasil, pois a literatura e todas as outras formas de arte seguiam, aqui, o modelo europeu do Romantismo. O país colonizador, embora contestado politicamente, continuava a influenciar o colonizado. A Independência do Brasil fez com que fosse necessário buscar novos parâmetros em que se pudesse apoiar.

José de Alencar foi um leitor de Victor Hugo, como é possível observar na referência a personagens hugoanas na obra *A pata da gazela*: “Tinha na imaginação um gnomo de Victor Hugo: criava Quasímodos e Gwynplaines do sexo feminino com uma fecundidade espantosa” (ALENCAR, 1998, p.24). Victor Hugo o renomado criador de personagens monstruosas empresta suas imaginações literárias para o autor brasileiro.

Alencar e Hugo, embora contemporâneos, fazem parte de realidades diferentes. De um lado, temos Alencar, um autor interessado em criar uma literatura nacional, construindo um texto acessível através da tentativa de difundir sua literatura e criar a prática de leitura no Brasil do século XIX. Do outro, temos Hugo, que está inserido em um país onde a literária já era consolidada. Seu interesse era mostrar que a tradição literária também deveria ser repensada e transformada. Diferentemente, de Alencar ele não tinha a intenção de formar leitores, mas de reformá-los, atentando para uma temática que era excluída dos padrões clássicos de beleza e das Belas Letras, por conseguinte.

É importante fazer a ressalva que uma das características da época histórica aqui mencionada é o individualismo, o inconformismo do escritor e seu sentimento de missão social.

3.1 O que as obras *O corcunda de Notre Dame* e *A pata da gazela* têm de semelhança?

Tanto a obra *O corcunda de Notre Dame* quanto *A pata da gazela* apresentam personagens com deficiência física. Em ambas, são mostrados os preconceitos sociais sofridos

por estes indivíduos, a discriminação e a perseguição, assim como a crítica à sociedade burguesa do século XIX, na França e no Brasil.

O amor é um sentimento presente nos dois casos, Quasímodo dedicando seu amor idealizado a Esmeralda, que também era cobiçada por mais dois homens, um homem da Igreja e um da Lei. Do outro lado do Atlântico, Amélia, envolvida em um triângulo amoroso, no qual existe uma competição filosófica entre o amor físico e o amor espiritual.

Os dois autores fazem críticas severas aos costumes da época, as mais evidentes, à Igreja Católica e à elite burguesa. No caso de Hugo, chega a comparar a Paris dos Dezenove aos costumes preconceituosos existentes no século XV.

3.2 Quais as diferenças entre as obras *O corcunda de Notre Dame* e *A pata da gazela*?

A diferença mais evidente está no grau de deformidade da personagem com deficiência. Na obra *A pata da gazela*, a personagem com o pé “monstruoso” consegue disfarçar para a sociedade a sua deficiência, enquanto no caso de Quasímodo, a deficiência toma conta de toda a sua estrutura física, fazendo com que seja impossível escondê-la. Também, é diferenciado o tratamento ofertado a essas personagens pela sociedade da época. No caso de Laura, o preconceito sofrido é menor do que o sofrido por Quasímodo. O corcunda é perseguido, humilhado, maltratado e discriminado. Todos seus aspectos físicos fazem dele uma criatura triste, porque pelo tratamento que lhe é dispensado, só encontra alegria na companhia de Esmeralda. O que faltava na vida de Quasímodo, mas que estava presente na de Laura era o convívio social. Quasímodo, sendo órfão, e tendo apenas o carinho de Clode Claude, tornou-se um ser triste, enquanto Laura era acolhida e protegida por seus pais e pela sociedade fidalga da época.

A pata da gazela termina com um final feliz, enquanto em *O corcunda de Notre Dame* o “casal” principal morre, um deles por enforcamento. O desfecho amoroso na obra de Alencar é positivo, enquanto na de Hugo não.

3.3 Duas obras e uma reflexão

Com esta pesquisa foi possível concluir que existe um diálogo entre a sociedade, a história e a literatura, assim como um sistema solidário de influências entre a literatura e a sociedade. Tendo um conhecimento prévio da história dos “deformados”, é possível ao ler a obra de Victor Hugo e de José de Alencar fazer imediatamente uma comparação, mas, quando

não se tem este conhecimento prévio, a leitura da obra proporciona a aquisição destas informações de forma concisa.

A literatura é um excelente espaço de pesquisa, além de alimentar a alma ela também é capaz de proporcionar conhecimentos significativos ao leitor. Formar cidadãos críticos e conscientes. A partir da leitura, é possível viajar nas páginas do livro, conhecer outras épocas, outras sociedades e culturas. Emocionar-se, aprender e ensinar; ser influenciado e influenciar. A literatura é a arte da palavra, a capacidade do ser humano de imaginar e atingir o outro pela ação da Letra.

ABSTRACT

This study of literature as a space of exclusion complaint has a goal to analyze the representation physically handicapped in the works “The Hunchback of Notre Dame” by Victor Hugo, and “Paw Gazelle” by José de Alencar. This research is constructed base on four pillars: society, history, literature and deficiency. The synthesis of the history “deformed” to mankind, the analysis patches from two works, and the differences register and resemblances among them. It were used to theoretical foundation, the contribution by Pinheiro (2011), Guimarães (2003), Silva (1987), and Figueira (2008).

KEYWORDS: Society. History. Literature. Deficiency.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **A pata da gazela**. São Paulo: Ática, 15ª edição, 1998.

FIGUEIRA, Emilio. **Caminhando em Silêncio**: Uma introdução à Trajetória das Pessoas com Deficiência na História do Brasil. São Paulo: Giz Editora, 2008.

HUGO, Victor - Marie. **O corcunda de Notre Dame**. São Paulo: Leya: Barba Negra: 2012.

HUGO, Victor - Marie. **Do grotesco e do sublime**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura**. 2. Ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

SILVA, Otto Marques da. **Epopéia Ignorada** – A História da Pessoa Deficiente no Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo: CEDAS, 1987.